

Algumas considerações sobre a educação da criança Xavante

Some considerations about the education of Xavante children

Martinho Tsire Edi Tsawewa¹
Alceu Zoia²

DOI: <http://dx.doi.org/10.20435/tellus.v0i30.379>

Resumo: Neste texto, buscamos destacar a educação da criança *A'uwẽ* (Xavante); para isso destacamos os elementos educativos desse povo, com ênfase para o processo de como acontece a educação da criança Xavante, a educação do menino, a educação da menina, a interação que acontece entre crianças, adulto e a comunidade, buscando compreender essa criança como sujeito de direitos e que se constitui nessa relação com os demais membros da comunidade e, também, na participação ativa nos rituais culturais que são marcadores de idades e grupos de pertencimento desses indivíduos no grupo.

Palavras-chave: Xavante; crianças; educação indígena.

Abstract: In this text we seek to highlight the child's education *A'uwe* (Xavante), for that highlight the educational elements of this people, with emphasis on the process as in the education of Xavante child, of boy education, girl education, interaction happens between children, adults and the community, trying to understand the child as a subject of rights and it is this relationship with the other members of the community and from the active participation in cultural rituals that are markers of ages and belonging groups these individuals in the group.

Key words: Xavante; children; indigenous education.

Sobre os autores:

Martinho Tsire Edi Tsawewa: Professor Xavante na Escola Estadual Indígena São José, Aldeia Sangradouro, General Carneiro, MT. Mestre em Educação pela Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT). E-mail: martinhotsireedi@bol.com.br

Alceu Zoia: Doutor em Educação, professor da Faculdade de Educação e Linguagem na área da Filosofia, professor do programa de Pós-graduação em Educação na linha de pesquisa Educação e Diversidade, trabalhando preferencialmente com a Educação Indígena (UNEMAT). E-mail: alceuzoia@hotmail.com

¹ Escola Estadual Indígena São José, Sangradouro, Mato Grosso, Brasil

² Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT), Sinop, Mato Grosso, Brasil.

1 INTRODUÇÃO

A produção deste texto é resultado da pesquisa de mestrado junto ao programa de pós-graduação em Educação da Universidade do Estado de Mato Grosso, com que buscamos apresentar algumas considerações sobre a educação do povo Xavante. Neste artigo apresentamos a educação da criança Xavante, enfatizando os ensinamentos que acontecem no contexto em que estas se fazem presentes, buscando compreendê-las como sujeitos históricos e culturais, que produzem e que são constituídas nesses espaços.

2 A EDUCAÇÃO DA CRIANÇA XAVANTE

Como primeiro passo para a realização da pesquisa, da qual resultou este artigo, buscamos informações sobre a educação das crianças Xavante com o senhor Casimiro Wete (74 anos), residente na aldeia Sangradouro e que já tinha vivido no mato, antes do contato com os não índios e com os salesianos. Nessa conversa, procuramos saber como era a educação das crianças antigamente, para então buscar compreender a criança Xavante de hoje. Antes de começar a falar do assunto, ele nos solicitou que escrevêssemos conforme o que ele ia falando da educação de hoje e da mais antiga, quando ele era criança, e assim nos contou:

No meu tempo, a educação do menino era tudo controlado pelos anciões, adultos e comunidade para facilitar a transmissão dos novos conhecimentos e sabedoria que vinha sendo transmitido de geração em geração. Era obrigada a permanência do menino, o máximo de tempo ao lado do pai ou do avô para receber e ouvir as histórias contadas durante o dia ou a noite. Por isso, nós que vivíamos no mato, temos mais habilidade de gravar os cantos, histórias e a fala de uma pessoa. Hoje não tem mais isso no meio da nossa juventude. Não tem mais esse hábito de deitar ao lado do pai e do avô. Por isso, são frágeis em disputar numa corrida de tora de buriti, revezamento por 100 metros e não sabem caçar para sustentar a sua família ou o seu sogro que é o principal papel do genro. O pior, a influência de outra cultura, como por exemplo, a escola ministrada pelos próprios professores índios. Será que vai dar certo daqui mais 50 anos? (CASIMIRO WETE, 74 anos, novembro 2015).

Reforçando a pergunta que ele colocou no final de sua fala, também nos questionamos sobre essa previsão e preocupação com o futuro que o senhor Casimiro demonstra. Entendemos que a educação então dada pelos pais não está tendo mais incentivo em detrimento da educação escolarizada e da pessoa para interagir no meio de outra sociedade. Os pais colocam seus filhos na escola e acabam transferindo para o professor o papel de transmitir

a educação, sem ter uma iniciativa de educar dentro de casa para ter uma boa conduta e para que a escola possa dar uma educação complementar. Falta isso no papel dos pais para ajudar e facilitar o trabalho do professor. Tudo isso gera a consequência de retardar a aprendizagem da criança hoje. Cada dia que passa está mais difícil o trabalho e os ensinamentos do educador. A educação escolar realizada fora do contexto indígena tem outras implicações para aprendizagem, tais como dificuldade de linguagem e da compreensão em outra lógica. O resultado disso foi confirmado pelo professor Sílvio Tsi'ruwewe, 57 anos, lotado na EEI São José de Sangradouro, quando afirma que:

[...] o meu filho que está estudando em Primavera do Leste, tem grande dificuldade de entender as disciplinas, principalmente a interpretação do texto e a linguagem para se comunicar com o professor (SÍLVIO TSI'RUIWEWE, 57 anos, novembro 2015).

Estes são alguns dos motivos pelos quais entendemos que estudar a educação da criança Xavante consiste em criar coragem de compreender o comportamento destas na busca de atingir o objetivo de vê-las como sujeitos que estão construindo suas histórias e seus espaços. Olhar para o universo da criança significa também afastar-se um pouco do universo da vida adulta, presente em grande parte das pesquisas acadêmicas, e buscar direcionar a pesquisa para os assuntos que pautam o dia a dia da infância, como suas brincadeiras e a sua permissividade de participar e se fazer presente em todos os espaços da aldeia.

Conforme salienta Aquilino Tseré'ubu'õ Tsi'ruí'a

Entre os Xavante, os primeiros educadores são os pais juntamente com os avôs paternos e maternos e, aos poucos, vai estendendo com os tios do mesmo clã, enquanto as crianças estão mais voltadas para a sua família do mesmo clã. Durante a fase de wapté, toda a comunidade se preocupa com a educação dos adolescentes até a fase de 'ritei'wa, pois essas duas fases são importantes na vida dos Xavante, porque é o momento de aprendizagem da cultura e tradição vivencial. (TSI'RUI'A, 2012, p. 157).

Na aldeia Sangradouro, residem atualmente 884 pessoas, sendo destas 375 crianças de zero a doze anos, ou seja, percebemos que há um número significativo de crianças. Compreender a preocupação dos Xavante com a educação da criança é fundamental para entendermos como as relações vão se construindo durante todo esse processo.

Olhamos para a aldeia buscando ver que tudo o que se manifesta nesse espaço é elemento gerador de conhecimento, as brincadeiras, os rituais e a própria vida cotidiana é algo muito importante para a formação da criança dentro desse espaço de saberes tradicionais, pois a criança vive em um contí-

nuo relacionamento com sua família e com os demais membros do seu grupo de convívio.

Compreendemos as crianças como sujeitos históricos e produtores de conhecimentos, portanto, no contato umas com as outras, elas estão constantemente em processo de produção de aprendizagens e de trocas em todos os espaços e momentos de convivência. Os processos de partilha realizados nos momentos de brincadeiras e de participação nos rituais típicos da cultura Xavante expressam experiências realizadas na comunidade pelos adultos que são repassados e transmitidos para as crianças e/ou produzidos por elas mesmas na interação com as outras crianças.

Os anciões participam ativamente da formação das crianças, pois compreende-se que “muito do que os A’uwê aprendem e ensinam uns aos outros – especialmente nas relações entre as gerações mais velhas e mais novas – é buscado, deliberadamente, no mundo dos antepassados [...]” (LOPES DA SILVA, 1986, p. 45).

Conforme observamos também em outros grupos indígenas, não é exclusividade dos Xavante esse aprendizado mútuo que acontece nas relações que se estabelecem nesse processo de convívio com os demais membros da comunidade, processo este destacado por Lopes da Silva et al. (2002, p. 49) quando afirma que nas “excursões pela mata e pelo cerrado, no curso de atividades de caça, agricultura, coleta, viagens, possibilitam verdadeiras ‘aulas’, de dar injeção a pedagogos construtivistas [...]”.

Carrara (1997) também destaca o encantamento que os animais exercem sobre o olhar das crianças e como estes servem para apurar as suas aprendizagens que se desenvolvem no dia a dia da aldeia. O autor afirma que:

Os animais exercem um fascínio ao olhar observador das crianças, que logo os transformam (e seus filhotes) em brinquedos. Eles são capturados pelas próprias crianças, no caso dos passarinhos, ou por adultos, em caçadas, como no caso do filhote do caititu. Ao mesmo tempo, aprendem os nomes e a classificação do animal, seu comportamento, habitat e os usos que dele fazemos Xavante. [...] Muito cedo, os meninos aprendem a caçar passarinhos com estilingues e flechinhas e a flechar peixes nas pescarias de timbó. Toda esta educação Xavante que prepara os meninos como provedores exige deles uma observação atenta das espécies animais. (CARRARA, 1997, p. 223).

Zoia (2009, p. 206), ao estudar as crianças Terena, aponta que “as crianças expressam seu modo de compreender o mundo também através das suas brincadeiras. Mesmo pequenas e inexperientes, elas não deixam de compreender o que se passa com o seu povo e revivem nas brincadeiras a sua história”. As crianças são capazes de, através das brincadeiras, recriar o seu mundo, não

apenas como uma fantasia, mas também como uma encenação da vida real. É nesse sentido, a afirmação de Vygotsky (1989, p. 106) de que “para resolver esta tensão, a criança em idade pré-escolar envolve-se num mundo ilusório e imaginário onde os desejos não realizáveis podem ser realizados, e esse mundo é o que chamamos de brinquedo”. O brinquedo e o brincar aparecem nas atividades das crianças como uma forma de atender os desejos que não podem ser imediatamente satisfeitos, na brincadeira a criança pode se apresentar de diversas outras formas, podendo até mesmo se apresentar maior e mais velha do que realmente é.

É também nesse sentido que Brandão (2002) afirma que, pela cultura, os homens deixam de ser “seres do mundo de natureza” e transformam-se em “sujeitos do mundo da cultura”. “Em seres de direitos e de deveres e, portanto, agentes culturais e atores sociais” (BRANDÃO, 2002, p. 21). Nós somos a única espécie que, em vez de reproduzir um único tipo de vida, criamos inúmeras formas de viver e de culturas humanas. Nós aprendemos, e aprender é vivenciar culturas diferentes e, em cada novo aprendizado que construímos, estamos nos reinventando. Em uma passagem de sua obra, Brandão (2002) elabora uma comparação entre castores e formigas, muito parecida com a passagem de Marx quando fala sobre o trabalho das abelhas com relação ao arquiteto (MARX, 1985). Brandão, em sua obra, assim descreve o trabalho dos castores e das formigas:

Castores fazem diques na água. Formigas constroem cidades debaixo da terra e abelhas realizam há milhões de anos verdadeiros prodígios de arquitetura. Mas nestes animais e em outros o “fazer” não é um “criar”. Ele é uma extensão instintiva das leis de comportamento da espécie impressas no corpo de cada indivíduo dela. Quando os primeiros seres de quem descendemos viviam a esmo, na beira dos riachos, já os pássaros eram construtores de sábios ninhos. Mas hoje os seus seguidores fazem, da mesma maneira, os mesmos ninhos. Nós inventamos sobre todos os quadrantes da Terra uma variedade enorme de habitações e ensaiamos no espaço sem ar e sem gravidades, as primeiras moradias fora do planeta. (BRANDÃO, 2002, p. 22).

Esta é uma característica dos seres humanos, a prática de parar e refletir sobre seus atos se transforma em aprendizagem significativa. Os homens produzem cultura, atribuem significados àquilo que fazem. Através do seu trabalho, o homem se torna um ser histórico, que constrói o seu mundo com o seu trabalho e a partir de seus ideais.

Um pensamento semelhante a este encontramos em Leontiev (2004) quando este afirma que o homem vai incorporando os conhecimentos produzidos pelas gerações anteriores como resultados de um processo sócio-histórico e cultural, pois:

O homem não nasce dotado das aquisições históricas da humanidade. Resultando estas do desenvolvimento das gerações humanas, não são incorporadas nele, nem nas suas disposições naturais, mas no mundo que o rodeia, nas grandes obras da cultura humana. Só apropriando-se delas no decurso da sua vida ele adquire propriedades e faculdades verdadeiramente humanas. Este processo coloca-o, por assim dizer, aos ombros das gerações anteriores e eleva-o muito acima do mundo animal. (LEONTIEV, 2004, p. 301).

Ou seja, as aptidões dos seres humanos não são herdadas biologicamente, mas vão sendo adquiridas através da apropriação da cultura produzida pela humanidade, “cada indivíduo aprende a ser um homem. O que a natureza lhe dá quando nasce não basta para viver em sociedade” (LEONTIEV, 2004, p. 285). Isso é muito percebido nas comunidades indígenas, onde os saberes tradicionais são constantemente reproduzidos pelos anciões para que as novas gerações aprendam com os seus exemplos e suas histórias.

Na perspectiva vygotskyana, são os aprendizados que impulsionam o desenvolvimento, ou seja: “o aprendizado pressupõe uma natureza social específica em um processo através do qual as crianças penetram na vida intelectual daqueles que as cercam” (VYGOTSKY, 1998, p. 99). Para esse autor, o desenvolvimento acontece nestes dois níveis: o real e o potencial. O nível real seria aquele representado pelas conquistas e pelos aprendizados já consolidados. O potencial é aquele no qual as capacidades poderão ser construídas mediante a ajuda de outro indivíduo, seja ele outra criança ou um adulto. O aprendizado acontece na interação estabelecida com as outras pessoas do seu grupo de convívio, criando o que Vygotsky chamou de Zona de Desenvolvimento Proximal: “aquilo que é zona de desenvolvimento proximal hoje será o nível de desenvolvimento real amanhã” (VYGOTSKY, 1998 p. 98). Nesse sentido, a participação das crianças em todas as atividades realizadas na aldeia contribui significativamente para o seu desenvolvimento como um todo. O caminho que o indivíduo percorre para desenvolver as ações que estão em processo de aprendizagem é o que Vygotsky chama de desenvolvimento proximal, ou seja, é a distância entre o real e o potencial.

A formação de cada indivíduo depende da multiplicidade de influências a que foi submetido no curso de sua formação, advindas das interações sociais dos mais variados elementos que compõem seu grupo.

É nesse sentido que Zoia (2009) afirma que é no exercício dessas atividades em conjunto com os adultos e com os anciões da aldeia que as crianças vão interagindo e, com esse contato com pessoas que se encontram além do seu nível de desenvolvimento real, ampliam a zona de desenvolvimento proximal. É no curso das relações sociais que os indivíduos se apropriam e transformam as diferentes atividades práticas e simbólicas em circulação na

sociedade em que estão inseridos. Para a internalização desses processos, a linguagem tem um papel fundamental, pois serve como mediadora entre o indivíduo e a cultura.

Para Vygotsky o homem é um ser social, ele se constitui nas e pelas relações sociais que vai estabelecendo ao longo de sua vida com os outros homens e também com a natureza. Dessa forma, ele é produto e também produtor dessas relações através de um processo histórico.

A preocupação de Vygotsky estava voltada para o entendimento das origens sociais e das bases culturais do desenvolvimento infantil, sendo assim, afirmava, “processos psicológicos superiores se desenvolvem nas crianças por meio da imersão cultural nas práticas das sociedades, pela aquisição dos símbolos e instrumentos tecnológicos da sociedade e pela educação em todas as suas formas” (MOLL, 1996, p. 3).

É nesse sentido que compreendemos a participação das crianças nas sociedades indígenas e na comunidade Xavante de Sangradouro em particular. As crianças vão se formando e se estruturando a partir das atividades próprias da aldeia. Existe um conhecimento que, aos poucos, se torna mais sólido, e estas crianças vão, também aos poucos, se apropriando de todas as ações culturais que constituem a sociedade xavante. Esse espaço “expressa novas articulações de sentido, as crianças criam, escolhem, inventam, explicitam, renovam sua percepção do mundo e, assim, o próprio mundo social de qual fazem parte” (LOPES DA SILVA et al., 2002, p. 49).

Conforme afirma Lopes da Silva (1986, p. 51),

Para as crianças e para os jovens, serem pintados, sentirem e verem seus corpos ostentando linhas ou círculos geometricamente dispostos significa aprender algo sobre si mesmos, sobre seu lugar no mundo, e sobre os demais. É um processo de aprendizagem e conhecimento expresso corporalmente. Crianças brincando sob árvores com gravetos e pedrinhas, atentas ao mundo pleno da imaginação que completamente as envolve, não se dão, aparentemente, conta de seus corpos pintados, nem dos nomes próprios que integram a sua pessoa. Isso não está no foco de sua atenção: nomes e ornamentação corporal parecem ser, para as crianças, adendos secundários, já que algo muito mais importante, envolvendo os gravetos no chão, está a acontecer. Entretanto, experiências esporádicas como essa, esses momentos não marcados na sequência e na rotina da vida cotidiana, articulam-se aos momentos raros, mas altamente formalizados dos rituais coletivos. Constituem, assim, ambos, exercícios de aprendizagem e domínio do mundo, das pessoas e das possibilidades, que se processa, mais que tudo, pela corporalidade.

Nesse contexto, as crianças estão em constante processo de aprendizagem, e esses espaços são definidos como momentos de produção cultural onde partilham, na relação com seus pares, tanto conhecimentos processados

pelos adultos e transferidos para as crianças, como conhecimentos que elas mesmas produzem ao interagirem umas com as outras.

Falando da infância indígena, Maybury-Lewis (1984, p. 112) aponta que:

Desde os primeiros dias de sua vida, um nenê Xavante é ligado por este laço íntimo a seu pai. Sempre que o pai está presente é ele (e não a mãe da criança) que segura o nenê e brinca com ele. É ele quem o acaricia e tenta distrair sua atenção quando ele chora, mesmo que esteja óbvio que chora por querer mamar. Vi frequentemente pais tentando divertir assim seus filhos chorões, durante, quem sabe, um quarto de hora, até que a mãe viesse a eles, tomasse a si a criança com certa má vontade e a atirasse em seu peito, ao mesmo tempo que repreendia o infeliz marido por falta de habilidade em manter a criança quieta.

É muito comum encontrar, nas aldeias Xavante, homens cuidando e acariciando seus bebês. As crianças podem ser repreendidas, porém dificilmente observamos agressões físicas. Maybury-Lewis (1984, p. 112), em sua pesquisa de campo com os Xavante, também observou que “O pai nunca bate no filho e muito raramente usa alguma forma de coerção física [...]. Os xavante são extremamente permissivos na criação de seus filhos [...]”.

Desde cedo, as crianças são ensinadas a entender as dificuldades que virão à sua frente. Antes do sol raiar, os pais dos meninos Xavante preparam seus filhos para um confronto chamado *Oi'ó*, que significa ‘luta de raízes’. No meio da aldeia, com toda a comunidade ao redor, os meninos se confrontam, para provar sua coragem e bravura. Retornaremos a este tema quando tratarmos da educação dos meninos.

Quem educa para realizar essa atividade é o próprio pai ou tio que pertence ao mesmo clã *Öwawẽ* ou *Po'redza'õno*. As crianças recebem os ensinamentos de seus pais dentro de casa. Os meninos aprendem por meio das falas de seus pais, quando está prestes à realização de qualquer evento como a luta com o *oi'ó*. Antes de entrarem nessa fase, são orientados por suas comunidades formadoras. Eles devem aprender a ter coragem desde crianças, lutando com o *oi'ó*.

Outro momento muito importante que exige educar meninos ou meninas são os rituais do *uiwede* (corrida da tora de buriti), *wa'i* (luta corporal), *dapo'redzapu* (furação de orelhas), *pi'õnhitsi* (nomação feminina) e *wai'a* (força poderosa). Com essas ações, a educação busca observar os exemplos dados pelos mais velhos. A realização desses rituais é exigida que se faça com muita seriedade e respeito aos costumes.

Para compreender melhor a importância da realização desse ritual, fomos conversar com um ancião residente na aldeia Sangradouro, que assim nos esclareceu:

[...] todos os rituais citados acima não têm a mesma função e o mesmo objetivo. Cada um tem a sua importância de acordo com tempo no decorrer do ano. A corrida da tora de buriti, era feito só início do tempo da chuva para não cansar muito durante a corrida. Tem corrida normal (tora de buriti) que acontece quase ano inteiro com menos peso e poucas pessoas. A corrida que se torna valiosa, chamamos de UBDO 'WARĀ (Dente de capivara no pescoço dos padrinhos) tendência um grupo chegar primeiro na aldeia e é considerado vencedor. Tem outro momento dessa corrida, que tem o mesmo valor e a mesma importância, quando o primeiro grupo entra na fase de adolescência. A tendência é o mesmo do UBDO'WARĀ. Da furação de orelhas, leva pelo menos 4 anos para acontecer esse ritual para formação do adolescente. Agora quero falar um pouco do ritual que dava o nome das mulheres, porque já não se pensa em fazer mais nesses últimos três décadas. É muito triste ver acabar na nossa presença, procuramos fortalecer, mas não tem mais jeito de recuperar. Era um ritual mais importante para os homens mostrarem as suas habilidades de dar nomes para cunhadas. A mulher que recebe seu nome, deixa de se relacionar com seus cunhados e todos os primos que se faz presente naquele momento. Hoje as novas não querem ter mais esse ritual, porque todos os primos do marido se relacionam com uma mulher. Isso provocou o medo das gerações novas e não querem mais esse ritual. Ritual do wai'a (a força poderosa), hoje mais importante na sociedade Xavante. É através desse que conseguimos a nossa força espiritual e sabedoria e força para atender nosso enfermo, quando fica doente. Tem lugar específico para realização desse evento e levam 15 anos acontecer esse ritual. Se acabar, podemos e seremos extinto em poucos tempos. (RAIMUNDO ETEPABRADA, 90 anos, novembro 2015).

Nesse contexto, as crianças são os principais atores que produzem os conceitos e dão novos sentidos às relações do mundo em que vivem. Os adultos procuram interferir nessa interpretação que é dada pelas crianças, mas não conseguiram barrar, e estas continuam inovando nas palavras e na classificação dos nomes para os animais e outros.

A criança é principal ator que constrói a sua própria natureza para constituir o mundo e o conhecimento a ser explorado pelos colegas. Entendemos que é na infância que a criança passa por um tempo cheio de investigação e descobertas, quando, a partir de suas atividades próprias do mundo infantil, vai encontrando muitos significados para os seus fazeres e, dessa forma, entendemos que a criança é um agente ativo essencial à dinâmica da produção e transformação do mundo adulto.

Porém a identidade do Xavante é reconhecida através da cultura tradicional, capaz de se constituir o modo de vida, dentro de um espaço limitado. Como afirma Lopes da Silva et al. (2002), a constituição da identidade é um significado cultural e socialmente atribuído.

Os Xavante são organizados a partir de metades exogâmicas, atravessadas por um sistema de classes (age-sets) e de categorias de idades (age-grades) que são elementos fundamentais na estrutura social Xavante. Na sociedade Xavante não existe uma categoria genérica que equivale à fase “criança”. Para entender o que compreende a “infância” é preciso entender as categorias de idade, que são diferentes para cada um dos gêneros e que não são quantificadas em anos.

Os Xavante usam a palavra *a'ituté* para classificar a primeira dessas categorias e que é comum para ambos os sexos. Esse nome é usado para recém-nascidos valendo também até a idade dos bebês de colo.

Neste sentido, Nunes (2011, p. 344) destaca essas fases da seguinte forma:

A primeira dessas categorias, comum a ambos os gêneros, é *aiuté*. Designa os bebês recém-nascidos e os de colo. A autonomia de deslocação, a capacidade de comunicação e o fim da amamentação são fatores que determinam o tempo-limite desta categoria. A partir de *aiuté*, as categorias de idade passam a ser diferenciadas para meninos e meninas. No que refere aos primeiros, a categoria seguinte é *watebremiti* (2-3 até 9-10 anos). Segue-se a categoria *airepudu* (9-12 anos), abrangendo aqueles que, embora já sob observação dos homens mais velhos quanto a transformações biológicas da puberdade, ainda podem brincar com as meninas ou acompanhá-las em atividades domésticas. Começam, porém, a ser chamados para tarefas junto aos homens: participam em pescarias, permanecem em sua companhia na mata, à noite, e iniciam comportamentos de evitação social. Assim, as categorias de idade masculinas – *aiuté*, *watebremiti* e *airepudu* – compõem o que os Xavante consideram como o período da infância dos meninos, ou pelo menos é assim que tentam traduzi-lo para a nossa língua e segundo as categorias usadas por nós. A categoria de idade que os identifica como iniciandos à vida adulta é *wapté* e a passagem para esta categoria é abrupta, tendo os meninos de deixar a sua casa e passar a morar em grupo, numa casa construída especificamente para esse fim (hö).

É da compreensão dessas fases que depende o entendimento do que significa ser criança na comunidade Xavante, e destacaremos melhor nos itens posteriores deste trabalho e que podem contribuir com os estudos sobre a criança, independente da sociedade da qual esta faça parte.

Para esclarecer como funciona essa designação das crianças Xavante, lembramos que sempre depende das fases de idade. Logo ao nascer, é designado de *ai'uté* para ambos sexos até atingir a idade de 9 a 12 anos. As palavras *watebremiti* e *ba'õno* são usadas para identificar os sexos no momento de serem procuradas por outra pessoa. Servem para dar um maior destaque e diferenciar entre elas. Depois de atingir essa idade citada acima, os meninos e as meninas passam a pertencer a categorias diferentes, que mudam conforme a fase

da vida e variam conforme o sexo. O menino recebe esse nome de *ai'repudu* (*ai're* – *testículo*; *pudu* – *maduro*; *grande*; *crescido*) e já ganham a confiança dos pais que estão preparados para entrar na fase de adolescência. *Ai'repudu*, ao ser chamado, essa palavra perde o inicial *ai* e fica só com o final, *'repudu* para chamar o fulano como respeito daquela pessoa. Para a menina é a mesma coisa que o menino, mas com o nome diferente de *adzarudu* (*seio crescido*). Para chamar a menina, a letra inicial sai e fica só com *dzarudu*.

Quem usa esses dois termos para chamar *ai'repudu* e *adzarudu*, são os tios ou tias do mesmo clã ao qual a criança pertence: *OWAWE* ou *PO'REDZA'ÕNO*. Do outro clã não são obrigados a usá-los para designar sobrinhos.

Após dessa fase, vem outro nome para designar rapaz ou moça depois de passar do que falamos anteriormente. A moça, quando faz casamento, recebe o nome de *tsõiba* (*recém-casado*). Esse nome dura de acordo com a vontade do casal. Ao criar o primeiro filho(a) deixa de ser chamada *tsõiba* e recebe o nome de *pi'õ* que vai até o resto da vida. Quem usa são os tios e tias do mesmo clã *owawe* ou *po'redza'õno*.

Depois de cumprir todas as fases de vida como *watebremiti*, *ai'repudu* e *wapté*, é designado de *aibo* logo depois de furação de orelhas. Esse nome é para chamar o sobrinho e usado só pelos tios ou tias do mesmo clã. Segue o mesmo procedimento para designar a sobrinha.

Entender essa onipresença da criança na aldeia é fundamental para a compreensão do universo da criança Xavante, como estas se manifestam, exploram e interagem com o mundo infantil e adulto dentro destes espaços significativos de aprendizagens.

3 A EDUCAÇÃO DO MENINO XAVANTE

Compreendemos que todas as atividades realizadas na aldeia têm um princípio educativo. Desde o momento em que um casal se forma já começa a preparação para o recebimento dos novos membros que passarão a compor essa nova família. Logo após o casamento, o homem passa a viver na casa dos seus sogros e assume a responsabilidade de sustentar toda a família que reside nela.

Com a união do casal, busca-se ter o primeiro filho. O nascimento de uma criança é um momento de alegria para toda família. Se a criança for menino, a responsabilidade pelos seus ensinamentos são dos avôs. Se for menina, a responsabilidade pela educação é das avós e também das demais mulheres da família, orientando a praticar todas as regras rígidas estabelecidas pelos

anciões. Tanto os meninos como as meninas ficam aos cuidados dos pais, avós, tios e parentes da comunidade envolvida.

Na organização social do Xavante, há duas divisões que orientam a educação informal das crianças e dos adultos. Ao nascer, ficam aos cuidados dos pais, avós, tios e da comunidade de toda redondeza. Os ensinamentos que recebem nos primeiros dois anos de vida são de como enfrentar seus colegas que têm a mesma idade ou mais. Toda família incentiva a vencer e suportar a dor no ritual da luta do *Oi'ó*. Esta começa dentro da casa, e são aconselhados para respeitar ao próximo e, em especial, àqueles que pertencem ao outro clã (a organização social dos Xavante está dividida em duas metades, cada metade com seu clã: *Öwawě* e *Po'redza'õno*).

O ritual do *Oi'ó* acontece antes do sol raiar, os pais dos meninos Xavante preparam seus filhos para um confronto que é chamado *Oi'ó*, e significa 'luta de raízes'. Devidamente pintados e adornados, os meninos, de 3 a 16 anos, se enfrentam de acordo com a idade. A luta ocorre usando uma raiz, daí surgiu o nome para este confronto. O pai também prepara uma bebida com folhas e ervas para os meninos que, segundo as crenças, faz com que o menino fique forte o suficiente para ganhar a luta.

Acreditam ainda que mulheres grávidas não podem ajudar a pintar os meninos, pois isso dará medo e covardia aos bebês, afirmam os anciões da aldeia. A mulher nunca tem o papel de pintar seu filho.

Para esclarecer melhor essa questão, conversamos com o senhor Atílio Tsébrui'wa, que nos explicou isto da seguinte forma:

Só é recomendado para os pais ou tio do menino não ter relação com sua esposa na véspera da luta. Se tiver relação sexual com a esposa e pintar seu filho, com certeza isso trará medo ao menino e ele será vencido facilmente pelo seu adversário. Quando a mulher está grávida não deverá pintar o seu filho e deixa essa tarefa para o seu irmão ou primo. Segundo a nossa crença, isso pode influenciar na luta dos meninos. Isso sim pode acontecer e o que papel da mulher é o de preparar os adornos dos filhos. Pintar não pode. (ATÍLIO TSÉBRUI'WA, 57 anos, novembro 2015).

Segundo entendimento tradicional, nesse período o pai deve permanecer durante uma semana sem ter relações sexuais, pois isso pode interferir no desempenho do menino durante a luta, pode a criança ficar com medo de seu adversário e, dessa forma, não vencer a luta.

Para a realização da luta, os meninos se reúnem no meio do pátio central da aldeia, com toda a comunidade ao redor. Nesse momento, os meninos se confrontam, para provar sua coragem e bravura. A luta faz parte de uma série de etapas na vida do garoto Xavante que deve passar antes de chegar à fase adulta.

Os meninos têm várias etapas que devem percorrer durante a vida e que marcam a sua maturidade na organização social do Xavante. Ao entrar na adolescência, por volta dos 12 a 13 anos, os meninos precisam passar pelo ritual conhecido como *wapté* (adolescente). Nesse momento, deixam a casa dos pais e passam a morar no *hö* (casa do solteiro), lugar em que permanecem por um período de mais ou menos 5 anos, onde receberão orientações dos seus padrinhos que são pessoas de outro grupo etário, que os ensinam a caçar, pescar e a respeitar os mais velhos para que, quando crescerem, sejam adultos respeitados por todos da aldeia.

Ao se tornarem adolescentes, passam então a morar no *hö*. O *hö* é a casa ou local onde os solteiros se reúnem e vivem fora da casa dos pais e passam pelo menos 4 ou 5 anos dentro dela. É uma casa normal, igual às outras que são usadas como moradia. Por isso que os sujeitos que moram dentro são denominados de *HO'WA* (significa formador da casa do solteiro. Sem esse não há casa dos solteiros). A partir desse momento são obrigados a permanecer reclusos e sem comunicação pessoal, principalmente com as mulheres; é permitida somente a comunicação com os pais, tios e padrinhos. Esse é considerado um período de formação do jovem para quando sair do *hö* estar preparado para enfrentar qualquer dificuldade na comunidade. Nesse lugar, os adolescentes recebem conselhos dos padrinhos e de outros anciões que pertencem ao grupo etário responsável pela educação deste grupo. Durante a noite, são proibidos de frequentar a casa dos pais.

Se algum desses adolescentes desrespeitar as regras é levado para o centro da aldeia (*warã*), será expulso do grupo e será castigado na frente de toda a aldeia onde furarão suas orelhas fora do tempo adequado. Depois desse castigo, receberá o nome de *atsitõ* (sem vergonha) e carregará isso por toda a vida.

No *hö* são contados vários episódios da vida contida nas histórias do povo Xavante muito tempo atrás, sobre as guerras e lendas. Os mais jovens são ensinados a partir dessas histórias. O costume continua sendo praticado na organização sociocultural mesmo na presença da sociedade não indígena e dos missionários. Durante esse tempo no *hö*, cantam e realizam danças com os padrinhos por toda a aldeia. Sempre costumam dançar quando está anoitecendo até a meia-noite. Mas na atualidade quase não se faz mais essa rotina que acontecia antigamente, pois são estimulados pela presença da tecnologia vinda das outras sociedades que passaram a interferir na realização dos rituais tradicionais.

Afirmamos que a não realização dessas atividades é devida à interferência da cultura não indígena, com isso as danças noturnas dos adolescentes em

volta das aldeias é mais um rito que corre risco de se perder. Essa interferência está acontecendo despercebidamente e de forma silenciosa. Não se registram mais danças ao anoitecer, meia-noite e ao amanhecer. Em vez de dançar, os adolescentes (*Ho'wa*) ficam em casa para assistir programas exibidos pela TV. Na cultura do Xavante, é proibido andar de cabeça erguida ou olhar mulheres que passam na frente do *ho'wa*. Depois que entrou na fase de adolescência, o lugar apropriado é ficar muito tempo no *HÖ*, de prontidão para atender o seu padrinho quando chegar para dançar. Por exemplo, neste ano quase não se dança mais durante a noite ou de dia, porque *wapté* tem que treinar para jogar contra o time mais forte.

Os padrinhos são responsáveis por organizar todas as atividades culturais para seus afilhados participarem e para ir jogar futebol na cidade de Primavera do Leste. O pior e mais perigoso é que, em vez de educar seus afilhados, muitos oferecem aguardente e maconha para fumar dentro do *hõ*. Então essas coisas que estão acontecendo na tarefa dos padrinhos em que são educados de forma diferente e substituindo as atividades tradicionais por outras práticas que não condizem com a formação dos jovens, tudo isso poderá trazer grandes transformações para o povo Xavante.

A tarefa do *danhohui'wa* (padrinho) é tão importante para alegrar toda a aldeia e a comunidade, pois, cumprindo bem as tarefas, os *danhohui'wa* são elogiados e premiados no final do ritual da furação de orelhas. Como prêmios, recebem todos os ornamentos dos seus afilhados. Durante a noite, entoam um canto da noite e da meia-noite aos afilhados *wapté*, e os velhos da aldeia ficam contentes e, às vezes, chegam a chorar de emoção ao ouvir as canções, porque entendem que os padrinhos estão dando continuidade aos costumes que praticavam e trouxeram das aldeias antigas para Sangradouro.

Esse adolescente, depois de passar por esse processo da furação de orelhas, passa a fazer parte de outra fase de vida adulta denominada de *ritei'wa* (novo animador da aldeia). Esse novo grupo será aquele que estará na frente caso aconteça algo na aldeia, serão os defensores da aldeia. Nessa fase, os jovens passam a ter maior liberdade de participar na vida cotidiana da comunidade e em outros momentos organizados pelos anciões. Mas as tarefas são as mesmas da primeira fase da vida dos meninos. Os *ritei'wa* também dançam ao anoitecer e à meia-noite. Os dois grupos sempre têm seu jeito de competir para ver quem dança melhor que o outro. Para os Xavante não tem dia de semana determinado para a realização das danças. Os dias de danças ficaram reduzidos quando os Xavante começaram a conviver com os missionários. Com essa redução dos dias de dança, os jovens começaram deixar de viver as tradições, tal como TSI'RUI'A confirma em sua dissertação:

Somente se dançava no início da noite, os dois grupos dançavam e quando terminavam de dançar em volta das casas, todos deviam ir ouvir a última palavra de boa noite de um missionário e depois de o missionário falar, aí cada grupo ia aos seus lugares. Nesse contato, não ficou permitido que nenhum dos padrinhos dos wapté fosse entoar um canto à meia-noite, que ficou combinado para o fim de semana, o sábado, por exemplo, porque não havia atividade de trabalho de sábado para domingo e, por isso, somente na noite de sábado se podia cantar à meia-noite. (TSI“RUI“A, 2012, p. 74).

Os seus ensinamentos são aprofundados mais em relação à arte para utilizar nas caças, nos rituais, nas pescarias e na residência. Nesse espaço, são educados de forma rígida para não ter mais contato com as meninas. Assim, no futuro terão sucesso e facilidade de vencer qualquer atividade organizada pelos anciões, principalmente as corridas de tora e na luta corporal. Essa fase termina no ritual da furação de orelhas, momento em que esses jovens passam para outra etapa de educação do Xavante.

A partir desse momento, o jovem recebe toda a educação tradicional e se torna especialista para educar o próximo *wapté*. São hábitos de namorar, casar e ficar no lugar público para atender qualquer necessidade da aldeia. Depois de receberem todas essas informações em relação aos conhecimentos a serem transmitidos aos seus afilhados, deixam de ser *ritéi’wa* para assumir o papel de *danhohui’wa* (padrinho). Esse rodízio das funções de educar para a sociedade Xavante acontece em cada cinco anos. Quem constitui esse papel são os grupos etários divididos em quatro de cada lado: *Abare’u*, *Anarowa*, *Ai’rere* e *Tirowa*; do lado oposto são: *Nodzo’u*, *Tsada’ro*, *Hotorã* e *Etepa*. Os padrinhos recebem recompensas das mães dos meninos pela disponibilidade na realização dessa preparação dos adolescentes.

O homem xavante é caçador e guerreiro, motivo pelo qual precisa desenvolver a sua capacidade de lutar e se aprimorar para ser um adulto capaz de realizar esses papéis. Nas lutas e cerimônias, os meninos experimentam diferentes sensações e sentimentos próprios de um guerreiro, como medo, dor e coragem.

Outro ritual importante para os Xavante é o *wai’a*. Este é um rito muito importante e forte. Na sua realização pedimos para conseguir todas as forças espirituais ou sobrenaturais. Não é qualquer pessoa que pode participar desse rito, e há o tempo certo para organizar um grupo e sair preparado para enfrentar dificuldades. Só os homens que podem saber o segredo contido nesse ritual, e isso não pode ser repassado para as mulheres, nem mesmo para a esposa. Mas tem momentos, no lugar público (*Warã*) que as mulheres podem participar e ajudar seus filhos para que estes não passem sede e fome. Para o Xavante, esse momento é muito importante porque, através desse ritual, é

que descobrimos a nossa vocação de conhecimento e sabedoria para atender aos mais necessitados.

O nome do ritual é *wai'a* e quer dizer “a força poderosa”. Aqueles que conseguiram descobrir uma vocação podem atender aos enfermos que são picados de cobra, afastar os raios, pedir a chuva etc. Hoje, poucas pessoas podem fazer isso, principalmente aqueles que cumpriram maior número de horas em jejum. Por isso que não dá para perder esse ritual do *wai'a* e, assim, continuamos fazendo para não perder a sua essência.

Apresentamos a seguir um quadro resumo da formação pela qual passam os meninos a partir da classe de idades. Conforme segue, temos o exemplo de um menino que entra na fase da adolescência no ano de 1982, este pertencia ao grupo *HOTORÃ* (peixe tilápia), a sequência pode ser acompanhada no quadro:

Aldeia Sangradouro

Coluna nº 01	Coluna nº 02
Hotorã (peixe tilápia) - 1982 (5 anos)	
	Tirowa (flecha) - 1987 (5 anos)
Etepa (pedra comprida) - 1992 (6 anos)	
	Abare'u (pique) - 1999 (6 anos)
Nodzo'u (milho xavante) 2005 (6 anos)	
	Anarowa (estrume) - 2013 (5/6 anos)
Tsada'ro (sol) - 2018/19 (5/6 anos)	
	Ai'rere (planta do cerrado) - 2023/24 (5/6 anos)

Observando esse quadro podemos perceber quantos anos levam para completar o ciclo e retornar a um novo grupo do *Hotorã*. Ou seja, quanto tempo leva para retornar ao primeiro ciclo. A coluna 01 faz parte do grupo do menino do exemplo e, da coluna 02, são adversários em quaisquer situações programadas pelos anciões. Nesse caso, faltam 10 ou 12 anos para dar a volta completa desses rodízios de grupos etários e começar tudo de novo pelo grupo *Hotorã*.

4 A EDUCAÇÃO DA MENINA

A educação que recebe um menino Xavante é diferente da educação da menina, e isso se deve aos papéis que homem e mulher ocupam na sociedade. Quem cuida da criança antes de saber caminhar sozinha, além da mãe, são as tias, irmãs da esposa. As meninas são orientadas pelas mães a acompanhar os trabalhos cotidianamente para poder aprender da mãe o que ela faz. A avó materna também está sempre presente com a menina.

Aos poucos, a menina vai aprendendo, junto com a mãe, a fazer alguns trabalhos tais como o cestinho com tampa. A mãe ensina a colher as sementes do capim navalha para poder fazer colar, também chamado de colar Xavante. Antes de furar as sementes com agulhas grandes, as meninas já ajudam a varrer o chão, cuidar do fogo e colocar esteiras em semicírculo porque já sabem que, quando estão secas, as sementes vão “pipocar” e saltar longe.

Logo quando nasce uma menina, esta é educada na responsabilidade de toda família, menos do pai. As meninas, sob orientação das mães, aprendem a tomar conta da casa e da roça, a fiar algodão e coletar raízes na mata. Elas são educadas dentro da casa conforme a tradição, até atingir o casamento, por volta dos 17 anos.

Na sociedade Xavante, a mãe está sempre perto da filha para poder instruir e ensinar. As histórias que são contadas para as meninas têm a intenção de prevenir das comidas de carnes que poderiam trazer algum mal em sua vida futura. As meninas, para ter boa saúde e uma boa educação, devem seguir o que as mães contam e acatar as falas das mães. Enquanto meninas, elas podem comer as carnes de pequenos animais como: *wārāhudu* (tatu peba), *wārā'u* (tatu bola), michila, caititu, veado, veadozinho. Nessa fase, elas devem comer as carnes somente de animais considerados pequenos.

As meninas não devem comer as carnes de animais maiores como a carne da anta e a carne de cervo. A carne da anta é considerada comida dos velhos e das velhas Xavante. Quando o pai mata uma anta, o pai autoriza a menina que já é casada e com filhos, aí sim ela pode comer a carne da anta. Antes não podia porque ainda era preciso que ela amadurecesse e se tornasse uma pessoa adulta.

De acordo com Nunes (2011, p. 344)

No ciclo vital feminino, depois da categoria de idade *ai'uté* surge a *ba'ōno*, que abrange as meninas até os seus seios começarem a se desenvolver. Há uma subcategoria *ba'ōtōre* (diminutivo de *ba'ōno*), que vai até aos quatro ou cinco anos. Quando o corpo começa a evidenciar as transformações biológicas da puberdade, entre os dez e os doze anos, passa à categoria *adzarudu*. A passagem de *ba'ōno* a *adzarudu* parece corresponder, portanto, ao limite do período da infância para as meni-

nas, em termos da estrutura social. No que refere à prática cotidiana, as *ba'õno* mais velhas e as *adzarudu* mais novas fazem sensivelmente as mesmas coisas: acompanham as suas mães nas tarefas da roça, casa e rio, cuidam dos irmãos menores e brincam com as outras crianças. O peso das obrigações e responsabilidades domésticas tende a aumentar para as *adzarudu* à medida que crescem.

Na sociedade Xavante, os pais da menina já deixam uma marca no rapaz, enquanto criança, adolescente ou durante o ritual de furar orelhas, de que este é o escolhido para ser noivo de sua filha. São marcados através de uma cordinha que é amarrada na cintura do menino durante a dança ou ao comer um bolo na casa dos pais. Não é revelado esse segredo enquanto crianças. O menino ou menina vai reconhecer a sua marca de ser noivo ou comprometido, somente depois que acabar o ritual da perfuração de orelhas.

Com o contato e a presença de pessoas de outras sociedades nas aldeias, esse ritual tem sofrido modificações por interferência das demais culturas presentes nesse ambiente. Se os pais procuram manter a tradição e continuam fazendo como antigamente, os rapazes ou as moças podem rejeitar a vontade dos pais e podem fazer a sua escolha de forma espontânea. No entanto isso representa uma desobediência aos pais e pode gerar desorganização social, desrespeito e divórcio.

Nesse caso, fica dispersa a responsabilidade de toda família para educar uma menina a crescer conforme a tradição vivida muito tempo atrás. Essa desobediência tem gerado gravidez descontrolada e insucesso no casamento.

As mulheres desse povo geralmente não têm longos cabelos até a cintura. Na cultura Xavante, sempre que um parente morre, a família toda – inclusive as crianças – raspam a cabeça, em sinal de luto e respeito, o que faz com que dificilmente os cabelos cheguem a ser muito compridos.

5 AS BRINCADEIRAS DAS CRIANÇAS

Conversando com as pessoas mais idosas da comunidade, ouvimos que as crianças brincam juntas, tanto meninos quanto meninas, até por volta dos 10 anos. Após essa idade, é necessário que os meninos comecem a se separar das meninas, se preparando para o período em que viverão no *hõ*.

As brincadeiras que são desenvolvidas em conjunto entre os meninos e as meninas visam a uma preparação para as atividades que passarão a praticar na aldeia. São brincadeiras que imitam aquilo que os adultos fazem nos rituais, transformando em brincadeiras.

Entre as atividades preferidas estão as relacionadas com o rio. Nele as crianças pulam e brincam de pega-pega, mergulhar, virar cambalhotas, entre

outras. Na língua Xavante, uma das brincadeiras preferidas que é desenvolvida no rio chama-se *HU* (onça); numa tentativa de traduzir o que seria essa brincadeira, diríamos que é uma forma de pegar o outro pela cabeça dentro da água e bagunçar os cabelos.

Fora do rio, a brincadeira que mais tem ocupado as crianças é o futebol. A todo o momento, percebemos crianças jogando bola, não tendo diferenciação de gênero, nesses momentos de brincadeira jogam meninos e meninas juntos.

Com intenção de ouvir das crianças sobre quais suas brincadeiras favoritas, fomos conversar com a menina Pedza'upi, 9 anos. Apresentamos as perguntas e respostas na língua Xavante e uma "interpretação" em português:

Pergunta: E mariwa natsi ane oiba.

Por que você vai todos os dias no rio Sangradouro?

Resposta: Pedza'upi: E momomhã. E tsupara'ai'uhã.

Para onde? Na praia?

Resposta: Pedza'upi: Watodza'rada wa natsiai'aba'rani.

Para nos divertir com outras que tomar banho.

Perguntas: E mari na natsi ato o'ãma hã.

Na qual brincadeira vocês brincam?

Resposta: Da'upire na wa natsi watodza'ra ni. Bola na wa natsi dure watodza'ra ni. Anaptere nori me tsi wanatsi watodza'ra ni. Dure awarure na, ni'wa dawana te ãwitsi dzo dzaraniwi.

A brincadeira mais preferida é pega-pega. A segunda é jogar bola no ar dentro da água. No terceiro é montar de cavalo e sai correndo até chegar na outra margem do rio.

Perguntas: E te iromnhore.

Está estudando?

Resposta: Pedza'upi: Ihe wa romnhore te rowaihu'u da. Waradzu mreme te waihu'uda dure. Oto ipredu wamha danhipi wadza waihu'u, café dzebre, tsí'adzebre, pahõ dzebre, tsada'rebre.

Sim, estou estudando para aprender coisas novas, principalmente a língua portuguesa. Quando crescer, quero aprender fazer café, assar frango, pão e bolo tradicional (tsada're).
Pergunta: E te dza aimro aipredu wamha.

Quando crescer vai casar?

Quando crescer vai casar?

Resposta: Pedza'upi: Me waihu'u'õdi oto tahã ima hã. Taisa re natsi ima rowatsu'u ropipadi'u.

Não sei te responder, porque minha vizinha Taisa me falou dá medo.

Ao perguntar para a menina sobre a ida até a praia, ela respondeu que não vai para matar horas. Mas para brincar de pega-pega, carregar seus coleguinhas nas costas e chegar primeiro no outro lado da margem do rio. Afirmou que as brincadeiras no rio são melhores do que as que realizam fora da água. A temperatura é sempre agradável, isso ajuda a manter a permanência por muito tempo brincando na praia. Para finalizar, acrescentou que,

quando crescer, vai depender da vontade dos pais para escolher um caminho a ser percorrido durante a sua juventude e até a velhice.

Uma atividade que observamos que há separação das meninas e meninos é quando elas estão brincando de lavar roupas e louças. Nessa atividade, não percebemos o envolvimento dos meninos.

Existem atividades prediletas dos meninos e não são mais da forma como aconteciam antigamente quando procuravam acompanhar as atividades do pai, fazendo arco, flecha e outras para serem utilizados nas atividades culturais. Hoje é muito diferente das décadas que se passaram. Vemos muitos meninos brincando de carrinho, vídeo-game, tablet e celular, ouvindo as músicas etc. A maioria destes, filhos dos funcionários que têm mais facilidade de acesso ao recurso (dinheiro) para conseguir os aparelhos de grande valor. Nesse caso, os meninos não voltam mais a praticar todas as atividades que as gerações anteriores faziam para beneficiar a sua família, e isso é mais uma desvalorização da própria cultura e conhecimento tradicional que percebemos.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste texto, foi acentuada a educação masculina porque os rituais de passagens marcam mais para os homens, ainda que as mulheres também sigam as indicações temporais dos grupos domésticos, mas não há uma festa específica para elas. Para os meninos é celebrada uma grande festa, com duração de meses, no rito de passagem da então conhecida “furação de orelha”. As meninas têm uma grande importância nessa festa, mas a festa é para os meninos, e elas também se divertem e se orgulham do espaço que ocupam durante o período de festa. A elas a educação é constante e no fazer do cotidiano. Já falamos das grandes mestras que são as educadoras. Desde quando nasce e à medida que vão crescendo, elas vão ocupando os espaços das brincadeiras num faz-de-conta de ser mulher. E assim vão se educando e fazendo-se mulher Xavante no compasso dos rituais, do cotidiano, da dança, das músicas, do ser madrinhas e do ser mãe, esposa e avós.

Desse modo, o importante é que a educação do povo Xavante vem ocorrendo milenarmente, os idosos e as idosas estrategicamente criticam os jovens e as jovens por não estarem seguindo os conselhos dos mais velhos da tradição. Mas percebe-se que essa sociedade ainda é organizada e gerida do modo mais tradicional possível. Os anciões mostram suas preocupações, pois têm pavor de que essa cultura milenar se acabe, que modifique os costumes e que esse povo venha a perder suas tradições que tanto dão

orgulho a esse povo que é considerado *A'uwẽ uptabi*. E assim os idosos e idosas vêm bravamente carregando essa educação e transmitindo-a com criação e recriação exigida pela própria cultura, e assim segue caminhando o povo *A'uwẽ uptabi*.

REFERÊNCIAS

- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *A educação como cultura*. Campinas, SP: Mercado da Letras, 2002.
- CARRARA, Eduardo. *Tsi te wara: um vôo sobre o cerrado xavante*. 1997. Dissertação (Mestrado em Antropologia) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 1997.
- LEONTIEV, Aléxis. *O desenvolvimento do psiquismo*. 2. ed. São Paulo: Centauro, 2004.
- LOPES DA SILVA, Aracy. *Nomes e amigos: da prática Xavante a uma reflexão sobre os Jê*. São Paulo: Universidade de São Paulo, 1986.
- LOPES DA SILVA, Aracy; MACEDO, Ana V. L. da S.; NUNES, Ângela (Org.). *Crianças indígenas: ensaios antropológicos*. São Paulo: Global, 2002.
- MARX, Karl. *O capital*. São Paulo: Nova Cultural, 1985. v. 1.
- MAYBURY-LEWIS, David. *A sociedade Xavante*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1984.
- MOLL, Luis C. *Vygotsky e a educação*. Porto Alegre, RS: Artes Médicas, 1996.
- NUNES, Angela. A sociedade das crianças *A'uwe-Xavante*: revisitando um estudo antropológico sobre a infância. *Poiésis*, Tubarão, SC, v. 4, n. 8, p. 342-359, jul./dez. 2011.
- TSI"RUI"A, Aquilino Tsere"ubu"õ. *A sociedade Xavante e a educação: um olhar sobre a escola a partir da pedagogia Xavante*. 2012. 259f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Católica Dom Bosco, Campo Grande, MS, 2012.
- VYGOTSKY, Lev S. *A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores*. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1989.
- _____. *O desenvolvimento psicológico na infância*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- ZOIA, Alceu. *A comunidade indígena Terena do norte de Mato Grosso: infância, identidade e educação*. 2009. 247p. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal de Goiás, Goiânia, GO, 2009.